

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annun-
cios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 12 de julho

Os frades nas colonias

Ao ensino moral e religioso dos selvagens porque é que não bastam as missões dos padres seculares, e até só de leigos?

Respondem-nos, que os frades não se dispensam, porque se resignam a tudo e não hesitam em sacrificar a vida.

Em Africa, visto hoje os negros travarem relações facilmente com os colonos civilizados, taes sacrificios não os queremos, e seria cruel acceital-os.

Lá os frades são perigosos, quer portugueses, quer estrangeiros—Quando os nossos governos menos o esperem, se cahirem em reconhecê-los, terão a revolta nas colonias, ou ver-se-hão dominados pelo receio de que a promovam.

Os jesuitas, cujo fim é entender por todos os modos a sua influencia, e subordinar á sua a do Vaticano, manobram as outras ordens religiosas, como toda a igreja.

As colonias virão a ser a materia de transacções secretas entre essa ordem odiosa e as potencias, que nol-as invejam.

Pelos frades, hoje todos ultramontanos, como não podem deixar de ser em virtude do ultimo concilio (como tambem os bispos, que ahi cederam ao papa esses poderes, pelo Evangelho conferidos a todos os apóstolos, de quem se dizem os successores) e sobretudo pelos jesuitas, sem patria, sem nenhum affecto nacional, sem amor ao paiz, os politicos clericas pretendem reduzir á sua dependencia os nossos governos—o que succederá em Africa, quando lá os frades se apossem do espirito das hordas selvagens.

Portugal ainda não escarmentou apesar de ter a experiencia do seculo XVIII.

Os jesuitas revoltaram os indios americanos, foi preciso organizar uma grande expedição militar, e gastarem-se muitos milhões para se

restabelecer o dominio portuguez.

Os bons religiosos ensinaram aos indios a arte da guerra, tinham arsenaes bem providos, e foram elles mesmos, entre outros os jesuitas Tadeu e Lamp, que os conduziram ao encontro das nossas tropas.

No começo alguns frades prestam bons serviços, mas afinal é a ordem que d'elles se aproveita.

E' o que nos diz a historia—em Africa os jesuitas possuíam vastas granjas, das quaes cuidavam, e não das almas, aliciavam heranças, alugavam os seus escravos, que eram operarios, e carregavam navios com outros, que iam vender ao Brazil, para o que *requereram licença aos governadores geraes*, o que consta de documentos achados por S. da Luz Soriano nos archivos publicos, os quaes podem ler-se na sua historia!

Nós vemos o que fazem na Europa estando fóra da lei; tudo exploram, até as crenças do povo, o que não farão em Africa, legalizados?

Lourenço d'Almeida e Medeiros

CONFRONTOS

XXVI

Do Povo d'Ovar, jornal do snr. Fragateiro, n.º 69 de 20 de novembro de 1887:

«Sustentados por crimes, inaugurando a época do cacete e do trabuco, levantando as forcas como bandeira de combate, os «progressistas» d'este concelho implicados em processos de querellas e policias correctionaes procuram ainda por ultimo esforço aniquilar a acção do poder judicial, para que o cacete, corroborado por uma sentença possa ser elevado á cathedra de instituição.

A politica concelhia «progressista» resume-se apenas na sequencia ininterrupta de crimes. Não podem conceber outros planos e differente direcção, as intelligencias tacanhas que dirigem esse bando anarchico, sustentado perante o ministerio pelo desembargador Francisco Mattoso.

Nem um acto sério, regular,

tem manifestado o viver normal d'um partido politico.

A campanha das bombas chinezas e o alistamento de garotos, actos que acompanharam a apresentação a iniciação do depois chefe, imprimiram ao bando o caracter e a indole que depois se havia de manifestar quando o ministerio depositou a auctoridade administrativa nas mãos d'um inepto sem vergonha, d'um bandoleiro sem caracter vindo das bandas de Ribeiradio.

E' manifesto que este proceder indigno e degradante havia de affastar todos os homens sensatos e dignos do grupo que se enlameava a todos os momentos, que descia demais a mais na senda do crime. Foi por isso que os «progressistas» vendo a reacção constante, que os seus actos maus faziam avultar, se cobriram com as auctoridades administrativas e com a força militar profusamente espalhada pelo theatro das suas façanhas e espancaram covardamente cidadãos indefesos, velhos e mulheres. na occasião em que se realisavam os mercados semanais.

N'esses actos selvagens e n'outros onde a execução variou um pouco nas diversas solemnidades que os acompanhavam, consiste a politica implantada

Hoje o concelho um pouco mais desafogado, vendo que esse bando é demasiado pequeno para refrear a vontade de tantos cidadãos, começa a pedir o justo castigo dos criminosos; e, estes amedrontados agora, escudam-se novamente com as auctoridades administrativas que perpetram as maiores violencias e crimes para que o terror ainda predomine por algum tempo.

E depois d'isto dizem que o partido adverso está morto!

Sim, talvez, na opinião d'algum louco que ainda tente illudir-se e illudir o povo bastante conhecedor das circumstancias da lucta que em breve terá o seu desfecho natural. Porque é impossivel durar por muito mais tempo o estado de pressão a que o bando das auctoridades sujeitou a villa e o concelho.

Tempo virá em que o morto erguendo-se com a vara da justiça procurará justamente reparar as offensas causadas e vingar as victimas. N'esse dia o concelho levantar-se-ha, como um só homem, e irá pedir aos culpados a responsabilidade de todas as façanhas.

Estamos certos de que os que hoje se dizem arrogantemente vencedores e unicos dominadores, fugirão para evitar

a colera do morto resuscitado.

Está assignado o dia 2 de dezembro para o julgamento dos reus implicados no ataque aos quarenta maiores contribuintes prediaes na occasião em que estes vinham para a assembleia eleitoral.

É publico e notorio n'esta villa que as testemunhas d'accusação n'esse processo teem sido ameaçadas de morte se persistirem nos seus depoimentos. Sabe-se que o bando escudado pelas auctoridades administrativas pretende exercer pressão e tem mesmo preparadas para esse dia façanhas semelhantes ás do dia 7 de janeiro; emprasamos pois o poder judicial d'esta comarca a tomar as providencias necessarias para assegurar a liberdade e vida das testemunhas ameaçadas.

Sabe bem o poder judicial quantos esforços o bando das auctoridades tenta empregar para que fiquem livres os seus satellites: sabe que não recuará perante quaesquer novos crimes, por isso é indispensavel que, a não ser que queira ser convivente com os criminosos, tome as cautellas necessarias.

Como não pôde allegar ignorancia dos planos dos criminosos, tornamol-o responsável por quanto possa succeder.»

Progresso de caranguejo

Ha muito tempo que todos clamavam que Ovar era uma terra retrograda, pois que não possuia um qualquer melhoramento que servisse d' attractivo aos visitantes, e de orgulho para nós.

E no entanto, conservavamos, sem o saber, uma joia inestimavel, á qual não sabiamos dar o verdadeiro valor que merecia.

Foi preciso que s. ex.^a subisse ás altas culminancias do poder, para que se desse ao trabalho de lapidar essa joia, arrancando-a do ergástulo em que se achava. *Honra lhe seja feita!*

Referimo-nos ao edificio do Hospital, que nos parecia ser construido de pedra e cal, mas que se transformou em elastico, pois que vai abrigar em o seu enorme bojo as repartições que se achavam installadas em todo o edificio dos paços do concelho, actualmente em demolição!!!

Já vêem os nossos leitores que só por artes magicas se poderia arranjar semelhante coisa!

O emprehendedor espirito de s. ex.^a porém, applana todas as difficuldades, e destroe todos

os obstaculos que se levantam. *Honra lhe seja feita!*

O andar superior do edificio é que fica sendo agora exclusivamente o hospital e habitação do enfermeiro.

No andar inferior, é que s. ex.^a installa as differentes repartições, assim:

A parte fronteira do lado sul, foi destinada para a Fazenda Nacional, que já ha dias se acha de posse da nova casa.

A do lado norte, resolveu s. ex.^a accommodal-a para o Tribunal, aproveitando a sala das autopsias e uma outra junta e fazendo-as n'uma só.

As trazeiras, lado sul, serão occupadas pela camara e seus empregados.

Tudo isto resolveu s. ex.^a com aquelle subido criterio que preside a todos os actos, dimandados da sua lucida intelligencia!

A nós, porém, parece-nos que s. ex.^a não tem procedido correctamente, porque sem prévia consulta da corporação de que faz parte, não podia dispôr livremente d'uma casa que é unica e simplesmente destinada a um fim humanitario.

S. ex.^a devia tambem attender em grande parte á hygiene, porque é do dominio publico que o hospital não está nas melhores condições sanitarias nada mais natural portanto que, devido á aglomeração de tanta gente no mesmo edificio, e não tendo elle a carta limpa, se desenvolvesse uma qualquer molestia, que se pôde alastrar por toda a villa, produzindo os mais funestos resultados.

E dando-se esse caso, quem será o causador? a quem se deverão tomar contas severas dos actos praticados? Unicamente a s. ex.^a, que sómente para satisfazer caprichos pequeninos, não hesita em se lançar n'uma aventura que pôde custar a vida a muita gente.

Pense, pois, s. ex.^a, porque; ainda é tempo de dar as mãos á palmatoria.

Em vez de installações provisionarias, arrende uma casa ou mais nas condições requeridas.

Praticas ou conferencias sobre o — Coração de Jesus —

DUVIDAS AO CONFERENTE

I

Fomos á igreja d'esta villa para sabermos o que lá se incute ao povo sobre esse culto — «o Coração de Jesus» — muito propagado pelos jesuitas, e por alguns padres seculares, seus correspondentes ou socios, que os coadjuvam organizando

nas aldeias as respectivas confrarias, nas quaes cada pessoa de cada familia paga vinte reis por mez, o que em todo o paiz vem a ser uma collecta enorme. Sem prestarem contas regularmente o governo não devia consentil-as.

Chegamos no fim da primeira conferencia, e n'este ponto nada ouvimos sobre a natureza e os meritos d'essa devoção inadmissivel.

Como homem, J. C. não tem culto, e muito menos uma parte do seu corpo, a carne para nada presta — disse elle — *mesmo a respeito da sua* — e como Deus, não tem coração — e se o culto se dirige ao coração moral — este é na essencia o espirito divino, e não ha razão que justifique uma devoção ou culto particular com esse nome.

Mas já um pontífice decidiu, que a adoração é — *in carne*.

Sendo assim esse culto é mais proprio d'uma idolatria do que da religião toda espirital do Salvador.

Estranhámos que viessem de fóra os ecclesiasticos destinados, um para fazer as conferencias e prégar o sermão da festa, e os outros talvez, creio eu, para confessarem as beatas, especialmente devotas do Coração de Jesus.

Parece que vinham commissiõnados para esses ministerios. Serão commissões especiaes dos jesuitas?

Emquanto ao conferente, ainda novo, bem nutrido, no que mostra não demasiar os jejuns, fallando depressa, com uma dicção animada, folgamos de ouvi-lo.

Disse o bom conferente, que J. Christo derramou o seu sangue para nos salvar, e nós não havemos d'empregar todos os esforços para salvar a nossa alma?

Pondo de parte a ideia do sacrificio achamos commovente e impressiva esta exhortação á virtude.

Na segunda conferencia ouvimos, que o peccado annulla em nós todo o estado sobrenatural, e que é a confissão que nos restitue á graça divina.

Descreveu em seguida a situação horrivel de um peccador carregado de todos os crimes, roubos e assassinos, etc., diante da fogueira que vai queimar-o, e a sua alegria, se soubesse, que *uma simples cousa — a confissão em segredo o aliviaria de toda a culpa — e do castigo*.

Em quanto á ideia do sacrificio de J. C., e aos effeitos da confissão, vamos propôr ao bom conferente as nossas duvidas, e esperamos que as resolva para socego de uma alma christã, como eu sou, mas inquieta e perturbada com esses graves problemas.

(Continúa)

L. d'A. e M.

SECÇÃO LITTERARIA

A PSYCHOLOGIA DA «DOR»

Não é novo o principio de que as syntheses litterarias das nacionalidades seguem, de relação intima, as syntheses das outras manifestações sociaes. Se este o aquelle povo se emociona, abrindo os braços aos rasgos da liberdade e pairando a vista pelo azul do seu ambiente dilatado; se esta ou aquella nação, por um capricho de forças adversas, cabe e vive em condições miserimas, se a nevrose da immoralidade é a alma do seu organismo, a sua litteratura toma essa força dirigente, e segue em

carro errante a bagagem das suas manifestações psychologicas.

E assim a poesia, manifestação litteraria summamente synthetica, ou chega aos arroubos da liberdade ou ás amarguras da dôr, ou ás formas eroticas e morbidas d'uma manifestação immoral: o meio é tudo. A vida social é um aggregado de manifestações sociaes, como a vida do homem é um complexo de manifestações das cellulas de que se compõem: o artista, o poeta, um producto do seu meio e das suas edoneidas. Se d'esta comparação geral passamos ás minudencias, vemos como por exemplo a riqueza d'uma nação, a sua temperatura moral actuam sobre as obras da arte e sobre os artistas, ainda que estes seres se nos apresentem o mais das vezes como agentes revolucionarios do meio em que vivem. O poeta, costuma-se dizer, é uma alma errante na Lua. Este principio não nos parece, em toda a sua extensão, verdadeiro. Hoje a arte, e o artista digno d'este nome, deve saber desenhar todos os estudos da al a, dos são aos doentios, desde os abysmos da hypochondria até ás allucinações da nevrose, mas sempre reportando-se ao meio em que vive e onde edifica a sua obra d'arte, composta de materiaes tirados d'esse meio e burilados pelo seu genio, encarnação de varias forças continuadas pela hereditariedade até á sua efflorescencia.

Não é isto uma divagação nossa: esclareçamo-nos. Tomemos por exemplo o estado do espirito no qual a tristeza é predominante. Não é este exemplo arbitrario; mais d'uma vez o temos encontrado na historia dos homens, e basta para o produzir annos de decadencia, de despovoação, de fomes, de miserias crescentes, d'abatimento moral. A dôr então encarna-se no artista, como se encarnára na sociedade a que elle pertence. Se esta chora o coração do poeta é o vaso sagrado das lagrimas que ella derrama, e as desgraças, que entristecem o publico, entristecem tambem o artista. Educado entre contemporaneos melancholicos, vivendo a vida das suas ideias repassadas de amargura, sua alma abysma-se n'essa dôr que se não diz. Condoe-se e acha que o mundo e os homens são detestaveis, e que não valia a pena nascer! As imagens de desolação, do luto, da fome e da orphanidade, da luta do forte contra o fraco cercam-no, sitiám-no e a fim morre vencido, chorando e sofrendo.

Todo isto vem a proposito d'um livro que temos sobre a nossa mesa de trabalho intitulado a «Dôr», do poeta lisbonense Paulino d'Oliveira.

Desde Garrett a esta parte a nossa litteratura tem-se enriquecido com verdadeiras obras d'arte, e a nossa elaboração esthetica pôde ser apreciada d'uma maneira favoravel para nós.

Os nomes de Quental, Junqueiro, João de Deus podem-se pronunciar lá fóra que não soam mal. Todos elles são grandes na dôr; todos elles são nacionaes, e só se poderam crear grandes na dôr, e contrahir a feição verdadeiramente nacional pelo meio em que tem vivido e pelos recursos do seu genio artistico. A nossa nação ha annos que soffre longos dias d'amargura, de decadencia e de miseria. Os espiritos d'organisação elevada não são extranhos a estas dôres, a estas amarguras. Todas estas impressões se inoculam na sua alma, e os males dos outros são seus males, e quanto mais são artistas tanto mais fundo lhes ferem, pois não se chega a esta elevação do genio senão por grandes abalos e commoções, tão grandes que os levam ao martyrio e á morte: A morte é o seu ultimo amor — «Mors-amor» exclama Quental e morre tendo antes dito:

Vestido d'amargura reluzente
Cavalga a fera extranha sem temor
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

Guerra Junqueiro, depois de nos ter dado, da sua vasta elaboração esthetica, o poema da prostituição, d'este inferno social para a mulher, passa a chorar as miserias da patria, e d'esta dôr pungentissima chega aos Simples, e exclama no fim:

«Que a minha alma durma, tenha par, descanso
Quando a Morte, em breve, m'a vier buscar!...»

Por fim Paulino d'Oliveira offerece nos do seu calice d'amargura e de tristeza o seu poema a «Dôr» em cincoenta paginas. E' pouco, mas chega para o fazer artista, e collocal-o no numero d'aquelles poetas que na dôr cantam as suas tristezas, tristezas da sua nação. Genios sublimes, chorai; talvez as vossas lagrimas possam lavar os erros de tantos e por ellas possa o Destino perdoar-nos.

Ovar, 3—7—93.

J. d'Almeida.

A duas jovens que contemplavam a lua

Eu vi-as: o seio arfando,
Na voz celeste magia,
Nas faces curvas sem par,
Como um sorriso enviando
A' lua, que distendia
Dos céos um pallido olhar.

Lua, acaso és confidente
De alma que timida anceia
N'um mixto de goso e dôr,
— De alma que traduz ridente
A mais sublimada odyssea
Que encerra um primeiro amôr?

Ou no abysmo do passado
— Pombas timidas, saudosas,
Pensam dos brincos na aucia...
No seu sonhar matisado
De estrellas, lyrios e rosas,
Nos vergeis almos da infancia?

Sua alma angelica e nobre
Paira na vaga inconstante
Da vida em revolto mar?
Desvenda o riso que encobre
Muita dôr em peito amante,
Muito martyrio e penar?

Mas como podem os prantos
Que nos revestem a vida
Chegar a uns anjos dos céos?
— Uns anjos que só tem cantos
Em cada vôz despreendida
Dos mimosos labios seus?

Seriam d'alguem as queixas,
Um ai sómente que fosse
Lido em teu rosto sem equal?
Serão mysticas endeixas
P'ra transmitires, lua doce,
Ao peito d'alguem mortal?

Eu vi-as: o seio arfando,
Na voz celeste magia,
Nas faces curvas sem par,
Como um sorriso enviando
A' lua que distendia
Dos céos um pallido olhar.
Ovar, 93.

Olympio Fonseca.

PENSAMENTO

(No leque d'uma senhora)

Serás a Helena de Homero, vagueando sobre as ruinas de Troya? a Dido de Virgilio, chorando as saudades do ingrato Eneas? a visão radiante de Laura, vagando na mente suave de Petrarca? a Eva de Milton, em roda do Eden? ou a Ignez de Camões, solitaria pelas margens do Mondego, anhelando por seu Pedro?...

— Não! — És a famosa idealidade, a sensibilisadora copia de Magdalena de Dumas.

24—6—93.

Jayme T. Cirne de Magalhães.

O prologo dos bailes

Os bailes tiveram a sua origem em epocha remota debaixo d'uma forma talvez menos delicada, mas com attractivos eguaes aos que presidem actualmente á nossa sociedade elegante.

A noticia d'um baile é uma revolução: gemem as algibeiras dos paes, os logistas esfregam as mãos, as modistas e cabelleireiras sorriem-se em commum revolvendo os figurinos, as vitrines das perfumarias dobram o apparato para duplicar a venda, em summa até os cocheiros compram luvas brancas e os cavallos teem arreios novos!

As donzellas imaginam mil feitiços de vestidos, centos de penteados, flôres impossiveis, fitas de variadas côres, umas botas extraordinariamente apertadas para fazerem os pés pequenos, umas luvas de tres botões para dar amostras de uns braços esculpturaes, ganchos com doirados e borboletas e por fim exigem do cabelo liso um aneludo em caracoos á força de muita rotilha de papel!

As meninas da moda (phrase do Chiado) dizem consigo e dizem bem: «a entrada do salão de baile é o começo de uma estrada que vae ter á porta da igreja. A primeira walsa é um suspiro, a primeira polka um aperto de mão, a primeira mazurka uma pisadella amorosa, a primeira quadrilha uma reverence meiga e um olhar penetrante e por fim o cotillon é uma declaração».

Para ellas os bailes são directamente proporcionaes aos casamentos e reciprocamente.

Mas não querem com isto dizer que só nos bailes é que se pôde encontrar um futuro marido. Isso não. Tambem os ha nas boticas, discutindo o xarope peitoral; nas lojas e armazens, dissertando sobre as partidas simples e dobradas; nos campos a tomar ar e a perseguir as codornizes e coelhos; nos botiquins a fallar da vida alheia; no theatro, vendo se o céu tem estrellas; nas igrejas sem olhar para os padres; em cada canto, em todas as partes, nos jardins, nos americanos, nas feiras e nos mercados, mas não á venda.

Chega o dia do baile.

Bemaventuradas mães!

Desgraçados dos maridos, que são velhos e que tem mulheres novas!

E' dia de juizo: os esposos deitam sal nos telhados para haver chuva em torrentes e por consequente ser o baile pouco animado; as esposas fazem promessas á santa Clara para clarear o dia e aformosear a noite; as filhas ameaçam santo Antonio com o pote da agua no caso de as não patrocinarem, carregando para o rendez-vous tout le monde élégant do sexo masculino; as mães, pedem para as filhas inspiração á filha de Tyndaro e passaporte ao deus Cupido com a recommendação de não baixar o cambio nas praças matrimoniaes; e os rapazes, esses teem a certeza de se encontrarem entre um complexo de brancas e morenas, trigueiras e amarellas, feias e bonitas, tolas e espertas!

M. A. de S.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Prevenimos os srs. assignantes que brevemente vamos proceder á cobrança relativa ao primeiro semestre do nosso jornal, que termina em 10 de agosto proximo.

Desabamento — Morte — Remoção de presos Mudança de repartições — Outras noticias

Caso bem funesto o succedido no sabbado e que vamos relatar.

Cerca das 11 horas da manhã, desmoronou-se a parede fronteira da parte esquerda dos Paços do Concelho, abateu a arcada correspondente e morreu um operario.

Eis tudo:

E' fóra de duvida, porém, que deu logar ao desabamento rapido a imprevidencia dos trabalhadores ou o pouco conhecimento do mestre ou mestres, pois desconhecaram o estado duvidoso, pouco seguro do edificio depois de destravejado. Os operarios na sua maior parte lançaram cordas nas extremidades da parede cabida, pucharam, e d'ahi a queda instantanea e o que foi mais funesto — tambem a morte instantanea de um rapaz que estava em baixo, junto á parte esquerda da arcada, que não pôde escapar-se. Ao grande estampido tudo correu ao local. O tribunal que funcionava então, evacuou-se de repente. O administrador, sr. dr. Descalço, foi presente após o desabamento, e energico nas suas ordens para o desentulho, afim de se encontrar o cadaver do inditoso operario, um rapaz de 16 annos, por nome Albano da Silva, de Pardilhó; e sendo encontrado ás duas horas da tarde, foi logo removido ao hospital e sepultado no dia seguinte, domingo.

Francisco Fragateiro, o politico de todos conhecido, assistiu a tudo aquillo de aspecto marcial, e veio para o seu «Ovarense» ultimo dizer — que nós andamos em maré d'infellicidades, que dissemos poder conservar-se muitos annos o edificio dos Paços do Concelho com as necessarias reparações e quejandos disparates no que s. s.^a é forte.

Em maré mais feliz anda o nosso politico; conta já um desastre no principio da sua obra!

Em vista do estado perigoso da outra parte do edificio aonde se achavam installados o Tribunal e Camara, resolveu esta, representada pelo seu vice mular as mesmas repartições para o hospital; a primeira vae para uma sala acanhadissima, pouco hygienica, impropria emfim para um tribunal. E senão, vejamos. Juiz, delegado e escrivães teem porta de entrada differentes da dos advogados; e o povo tem igualmente outra, entra-se e não se sae pela mesma porta, é necessario dar-se uma volta pelo jardim interno, á laia de penitencia! E todavia — triste é dizel-o — o tribunal vae funcionar e funcionar, e ninguém protesta.

A quem cabe esse direito? A nós? Concordamos em parte, porém esse protesto deve partir primeiramente dos srs. advogados, já que a quem competia levantar-o, com tudo concordava.

Por isso, tem rasão quem diz: — F. Fragateiro manda em Ovar, não recebe ordens de ninguém. E não; as provas manifestam-se.

Ficaremos por enquanto na expectativa.

O sr. delegado, conhecendo o perigo — ainda agora? — que ameaça as cadeias, vae mandar os presos de alta gravidade para a Relação e os outros para as velhas cadeias de Pereira de Vallega. «Para esse fim foi alli s. exc.» e presidente da Camara, ficando suas exc.^{as} muito satisfeitos». E lá vão os presos para o cabo do mundo.

Estará a cadeia de Pereira em condições de receber os presos?

Poderá a camara dispôr d'essa casa que lhe foi concedida por um decreto do governo unicamente para escola da freguezia, e residencia da professora?

Parece-nos que não, mas não o entendem assim a camara ou o seu

vice, que empunhando o *camartelo da civilização*, ha de transformar tudo em Ovar.

Reclamação

Queixam-se da falta do nosso jornal os ex.^{mos} snrs. padre Ignacio Loureiro Pinto e Francisco Joaquim Cardoso, d'Anreade, Rezende, e outros. Quanto a nós temos a declarar que enviamos com toda a regularidade a *Folha d'Ovar*. A quem compete, pedimos providencias; e aquelles dos nossos assignantes a quem esta falta se tenha feito sentir pedimos no-lo mandem dizer.

Publicações

Recebemos o 4.º protesto da *Republica Federal Iberica*, do snr. A. A. da Silva Lob.

Agradecemos, Estão publicados os fasciculos n.ºs 21 e 22 do romance *A vivva milionaria*, editado pelos snrs. Belem & C., de Lisboa, que recebemos e igualmente agradecemos.

Festividades

Celebrou-se no domingo com o maximo esplendor a festividade ao coração de Jesus na igreja matriz. O templo estava adornado com todo o deslumbramento. Muito concorrida, que foi, de manhã e tarde. Foram dois os oradores que se fizeram ouvir—o primeiro o rev. Guerra, do Porto, que agradeceu;—o segundo, um rev. qualquer muito forte na *massada*. Ouvimos o seu discurso e... não gostamos; ninguém gostou.

A tarde esteve bôa, a procissão sahiu e recolheu em ordem regular, acabando a festa já um tanto tarde. Mas festa como a de domingo... tão luxuosa e tão socegada, não torna a haver no seculo corrente.

No proximo domingo tem lugar em Vallega a festa ao Senhor, que costuma ser de se lhe tirar o chapéu.

Só não alcança o céu quem não quer, ou tem desejos de habitar os infernos; com tantas festas e meia duzia de *Padre Nossos* vae-se lá. Experimentem os leitores.

José Vidal

Este sympathico e gracioso rapaz-estudante, nosso velho e sincero amigo, veio tomar ares a esta terra na semana que corre. Abraçamol-o e... e conversamos sobre vidas reservadas, sobre coisas da mocidade a que pertencemos. Ouvimol-o sempre com o mesmo agrado, com a mesma satisfação, e elle, o grande José Vidal, aquelle Vidal moreno, expansivo, sempre o mesmo e distincto dandy, sem um unico desvio d'aquelle prumo que vae seguindo.

Vae ou foi já para Aveiro e nós ficamos.

Não choramos por ver que brevemente elle volta a banhos, e então... e então cantaremos:

Só d'uma banda
D'uma banda só.
Viva o Zé Vidal,
Um rapaz liró!

Annos

Fez annos na segunda-feira o nosso amigo, o sr. Julio Brandão, empregado no Porto.

As nossas felicitações.
—Para aquella cidade, afim de assistir aos annos de seu bom pae,

partiu n'esse dia o nosso amigo Arthur Valerio. No seu regresso virá acompanhado de uma walsa — *spinklin* — para a *tuna* d'esta villa.

Estudantada

Os endiabrados rapazes que passam os bellos annos a contemplar a lua e os livros, chegaram de saude a casa de suas familias, — uns alegres, outros tristes, outros semi-alegres, e semi-tristes. D'entre elles, veio o nosso amigo Marcellino, um rapaz intelligente e applicado. Terminou os preparatorios e segue para Coimbra quando as aulas abrirem.

Ora Nosso Senhor o converta em um bom menino, muito humilde e muito estultioso, para satisfação sua e da familia, e para nossa tambem que sómos seus amigos.

Chronica do Tribunal

Requeremos já ao sr. juiz para marcar dia para julgamento dos reos—bacharel Francisco Fragateiro de Pinho Branco, vice-presidente da camara e presidente da Commissão do Recenseamento, seu irmão, seu primo mercantil, Antonio Augusto Fragateiro e typographo do «Ovarense», Veiga, accusados de nos agredirem no dia 25 do mez passado, pelas 5 e meia horas da tarde, no arraial de S. João

Hotel Furadouro

O conceituado proprietario d'este estabelecimento, sr. Silva Cerveira, resolveu abri-lo mais cedo, visto esperar muitas familias e algumas já se acharem a banhos. No dia 1.º d'agosto começará, pois, a funcionar aquella casa indispensavel a uma praia como é a nossa; e além d'isso acrece mais que aquelle estabelecimento soffreu este anno muitas modificações.

Até lá ainda fallaremos.

Melhoras

Dizem-nos ser mais satisfactorio o estado da exc.^{ma} sr.^a D. Irenne Ferraz, filha do sr. Eduardo Ferraz, muito digno e intelligente escrivão de direito n'esta comarca. Estimamos.

Prevenção!!!

Em virtude da demolição dos Paços do Concelho, foram mudados para os baixos do hospital a camara municipal e tribunal judicial. Esta deliberação foi participada ao publico pelo seguinte:

EDITAL

O dr. Manoel José Dias Salgado e Carneiro, juiz de direito da comarca de Ovar, etc.

Faço saber que em virtude da demolição, a que se anda procedendo nos Paços do Concelho, deixa desde hoje de funcionar a justiça no tribunal comprehendido no mesmo edificio, passando a ser feito nos fundos do hospital d'esta villa, destinados provisoriamente para camara municipal e para tribunal de justiça. Para que chegue ao conhecimento de todos se mandou passar o presente e mais dois, para serem affixados ás portas dos Paços do Concelho, e das egrejas dos julgados de Paz.

Ovar, 8 de julho de 1893. Eu Antonio dos Santos Sobreira que o escrevi.

Manoel J. Dias Salgado e Carneiro.

Partida

Para a Regoa partiu o nosso amigo Antonio Rodrigues Aleixo. Saude e fortuna.

Furadouro

Já se encontram n'esta aprazivel praia algumas familias fazendo uso dos banhos.

Teem-se concluido algumas casas, e andam em construcção mais. As companhias tem trabalhado todos os dias mas o resultado tem sido pequeno.

Doença

Acha-se ligeiramente incommodada, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria d'Araujo Oliveira Cardoso.

Estimamos as rapidas melhoras a s. ex.^a

Ausencia

Para a sua casa de Souza, partiu na terça-feira, no comboio da manhã, o nosso intimo amigo e distinctissimo advogado José de Almeida.

O nosso amigo regressa brevemente a esta villa onde conta verdadeiros admiradores das suas qualidades.

A' sombra

Foi na terça-feira julgado o menino Manoel Pego, por ter *casado* umas *pancadinhas de amor*, n'um seu semelhante.

O sr. juiz *cascou* lhe tambem 3 dias de *xelindró* e custas e sellos do processo.

Chegada

Vindo da cidade *invicta* chegou na terça-feira de manhã o nosso amigo José Ramos, que tinha partido d'aqui no comboio das 7 e meia horas da noute de segunda-feira.

Consta-nos que o nosso amigo foi tratar expressamente da reunião que o partido republicano brevemente realisa no Porto.

Julgamento dos jesuitas

O meu artigo *Chicote ou fogueira* valeu-me censuras mil de indispuestos animos, espiritos tibios ou ajestitados, que não só perturbaram o socego dos meus, mas tambem me affligiram sobremaneira, por ver como fez regolfo o senso-commum de varias pessoas.

Por outro lado, além de innumerous cumprimentos, parabens e alguns arrojados abraços de pessoas aliás dignissimas e importantemente respeitaveis da comarca, a recepção d'uma carta, que vou transcrever em parte, de que estou de posse.

«—Vallega, 2 de julho de 1893. Ill.^m sr. Augusto Maximo P. da F. Rangel. — Se eu apreciei a sua correspondencia é por que ahi só se encontram verdades, não só sobre o confessorario, como sobre as irmandades, medalhas, fitas e o mais que se acha patente no livro do sr. Borges Grainha (que possui) e que todos deveriam ter..... Seu, etc.: J. S. C.—»

Os primeiros, isto é, os que me censuram, julgam e teimam ver um proposito em mim, firme e inabalavel de, com visos de bater os jesuitas, medalhas, fitas e o mais que se acha patente no livro do sr. Borges Grainha (que possui) e que todos deveriam ter..... Seu, etc.: J. S. C.—»

Os segundos, esses, identificaram-se com a minha opinião, ou eu

me identifiquei com a d'elles, que, a meu ver e das gentes de bom senso, é a razoavel e perfeita e plenamente aceitavel.

Fallarei, agora, respeito aos primeiros, começando por historiar um facto que se deu commigo e com o sr. padre José Pimentel.

Na festa ao S. João em Meiomães e quando terminava o sermão do sr. padre José Pimentel, achavame eu a meio da rua, proximo á porta principal da igreja, com os snrs. Pedro Loureiro Felisberio e Jayme Teixeira Cirne de Magalhães. Passados instantes appareceu o sr. padre José Pimentel, que se dirigiu a cumprimentar estes dois cavalheiros, voltando-me as costas, o que não é, por si, um primoroso acto de educação, e pondo sobre o meu direito o seu reverendo pé. Batendo ao de leve no terço superior do braço direito de sua reverendissima, disse-lhe: «Vossa reverendissima está-me a calcar.» Balbuciei de facto umas desculpas a que respondi: «Perfeitamente.» D'ahi a segundos voltou com novas desculpas, proferindo eu novamente: «—Perfeitamente—». Não mediará tres segundos, sua reverendissima despedia-se dos meus dois amigos e dava-me novas escusas a que ainda respondi: «Perfeitamente. Estou satisfeito, senhor.»

D'ahi, passando em S. Gens, entrou na Casa da Costinha, propriedade de minha familia, procurando alguém; e, encontrando minha irmã, contou o facto tal se tinha dado, dizendo-lhe que não sabia se fora commigo, porque não me conhecia, mas que lhe parecera pelo tom de desprezo com que eu havia fallado, e demais sabendo, não por ver, mas por lh'o ter dito o sr. padre José de Carquere, que eu já havia escripto nos jornaes contra elle e casa do Saes. (Veja-se o meu artigo —??—nos n.ºs 36 e 37 da *Folha d'Ovar* de 1892). Que me era até agradecido por um obsequio que acabára de fazer-lhe havia poucos dias, (não me lembra de ter feito obsequios a sua reverendissima) e que, como sabia que eu tinha em Rezende demora, desejava encontrar-me para novamente me pedir escusas e desvanecer no meu espirito a ideia má que formava de si.

Conclue-se d'aqui que, foi sua reverendissima o offensor e eu o offendido; porém, não é assim que se conta e como, muito especialmente, diziam já os snrs. padres Antonio Collaço Dias e Camillo Botelho, chegando este ultimo a dizer aos seus freguezes (contam que á occasião da missa), que o reverendo padre José Pimentel não iria alli prégar no domingo, 9 do corrente, por ter sido insultado no fim do sermão de S. João por um *barredor de ruas*, e outras babuseiras respeito aos cavalheiros que na occasião d'essa festa estavam hospedados em casa do ex.^{mo} sr. Antonio Teixeira do Amaral e Cirne, cavalleiro distinctissimo, leal e probo, babuseiras que, por o que me toca, lhe perdão por não lhe conhecer responsabilidade.

Parece-me inferir de todas as peripecias que se tem dado e ditos que correm, que suas reverendissimas se magoaram altamente com o meu artigo *Chicote ou fogueira*, querendo porém demonstrar, dando-me como offensor, que o estão por o caso com o sr. padre José Pimentel.

Por o que se vê, pois, ha da parte dos que me accusam e sabem que eu, apesar dos meus 29 annos feitos me amoldo á vontade de meus irmãos mais velhos, porque me teem servido de paes, a vontade absoluta de me indispôr com elles, ou de, transformando os factos, conseguir que elles me amordacem os impetos de penna leal, verdadeira e cavalheirosa.

E' possivel que levem a melhor

n'este duello travado entre a minha consciencia e opinião e o seu *savoir-vivre*; mas o que lhes affianço e declaro, desde já, é que a minha penna nem se verga, nem se vende. Embora os meus m'a quebrem nas mãos, não acontecerá que eu saia do caminho que opiniativamente encetei.

Quando escrevo dos jesuitas, faço-o d'elles em geral, epithetando-os com o primeiro nome que me vem á ideia, ou o dictionario de Fr. Domingos Vieira me aponta. Se em Rezende não ha jezuitas, — melhor. Se os ha e os reverendos de que acima fallei o são, eu não tenho culpa d'isso.

Já n'outra parte o disse: «o que escrevi, escripto está.»

De conclusão em conclusão chegará indubitavelmente a verdades amarissimas. Não o quero fazer porém, sem que a isso seja obrigado, apezar do que por ahi se diz, metamorphoseando factos, inventando-os, diffamando-os, o que tudo obedece aos processos do jezuitismo-hypocrita-romano, como diz Junqueiro:

«Palhaço clerical que anda pelos caminhos a roubar, a furtar, assim como os ciganos, as crianças ás mães e os rouxinões aos ninhos, e que esconde da luz, assim como um usurario esconde tambem d'ella os seus punhadinhos d'ouro.»

e que (infamia e torpeza!) vai confessar a esposa de um amigo meu e lhe diz: «Da sua vida privada não contará nada a seu marido!!!»

Filhissimos!!!
Querem-os melhores? Eu lh'os pintarei.

Eis os factos como se tem passado, afóra innumeraveis infamias que se ouvem por ahi a cada canto das povoações, de cuja invenção são auctores *peçoas pouco conscienciosas*.

Prometto não largar mão do assumpto.

Agora que os meus amigos me julguem.

Nada mais quero.
Rezende, julho, 93.

Augusto Maximo Pinto da Fonseca Rangel.

CHRONICA

SEM GEITO

Foi e será sempre este o meu principio—apreciar tudo que possa e saiba desapaixonadamente, moderadamente; assim eu de ha muito alimento desejos fortes de traduzir em publico e para este cantinho da *Folha*, o meu pensar, o meu sentir quanto ao viver da minha terra.

O meu leitor, acreditando mesmo que d'um criterio recto, escrupuloso, espera hoje uma linguaagem secca, aspera, contra muitos patricios e patricias; devendo eu para cahir nas suas santas graças escrever chronicas em estylo suave e sentimental, chronicas dedicadas a v. ex.^{as}, muito minhas venerandas leitoras, á vossa formosura—pois mulheres formosas como as d'Ovar jámais habitam todo o Portugal, incluindo as ilhas.

Auxiliado pela verdade, vou satisfazer appetites, vou, sem licença de v. ex.^{as} para o campo, o largo campo da má-língua. Porque o meu fraco é a má-língua, mas sempre pela verdade. E comece-mos.

Grande festança domingo, na villa. Tanta festa dá fastio, mas... Começa agora a má-língua.

V. ex.^{as}, formosas leitoras, serão as primeiras que a minha penna hoje picará moderadamente, levemente... No couce da precis-

são de domingo—perdoae-me Deus meu!—pequei por vossa causa, e vejamos os motivos.

Contei doze leitoras vestidas á fidalga, duas saias alpaca fina, ca saquinha cheia de rendilhados, tantos, tantos como as formigas. E depois até os olhares eram fidalgos, o pôr dos labios frescos como o lyrio, differente do da semana; e o andar, o passo vagaroso, grave, muito delicadinho; e tambem—ai, Je u!—as mãos de neve pegando na pontinha, com todo o geitinho, da capucha. Passavam ellas, as doze, pela Praça. Olharam as senhoras da varanda e—ó infame inveja!—mastigavam—o que? que são ellas mais do que nós?! E este nós ouvia-se distinctamente; e as senhoras de varanda olharam indifferente—costume pessimo—e riram das doze criticas. Mas—ó Pae do Céu, Pae dos Innocentes!—quem ensinou v. ex.ª, a apanhar a saia d'alpaca, o vestido domingueiro? E então para isso não ha em casa agua e um palito para fazer limpeza ás unhas?

V. ex.ª não são do seculo, antes que se *relem* (palavra assim pronunciada por uma senhora vareira. Que myopia!...) E' um mal que ataca muito boa gente, a tal myopia.

As doze fidalgas... á pressa, com pretensões a duquezas (presumpção e agua benta...) na noite de domingo—que differença!—apresentavam-se de competente capucha, pé nu, rosto semi-coberto e a respectiva e tradicional *chapelêta!* Ora, cebollorio para taes chapelêtas. De dia—vinde a mim, ó virgens!; de noite, t'arrenego, bruchará dos infernos. Amaldiçoae-me agora, e eu perdô-vos.

Aonde estou, sabem V. ex.ª?
No S. Bento das Peras, de braço dado com o meu amigo, Arthur Valerio, e elle tambem mette pela primeira vez a sua bicada muito a proposito. Que genios!

Deus tem d'estas coisas.
Compare V. os arraiaes da nossa parvonía com este. Que diz? Gosta? Falta alguma coisa?

—Gosto, gosto tanto quanto aborreço a terra. Disse e fomos dançar. Uma quadrilha, lanceiros, pensam V. ex.ª? A canna verde, o regadinho, o olá-olá, tiro-lé-lé-lé! E viva nós.

Que calor e que sede!
—Salte já vinho bom.
—Quem é *vossoria*?—pergunta o tasqueiro.

—Eu sou Arthur Valerio até morrer, e chronista-ajudante d'um jornal provinciano.

—E *vossoria*?
—Não é da sua nem da conta de ninguém, seu velhote atrevido. Curve-se para me falar. Deus sobre tudo, eu sobre todos.

E o homem da pipa apresentanos vinho, meia canada, em uma vasilha de barro—um penico.
Um penico! E elle bebeu-se sem repugancia. O penico? não, o vinho.

.....
Ú... Ú... Ú... UU...

—Vamos. O comboio aproxima-se. E viemos?

Alguns minutos ainda, estendidos á *volonté* pela pastagem secca, debaixo d'uns carvalhaes, rodeados de romeiras de Vallongo,—que boas, que lindas!—tocamos trechos deliciosos capaz de arrebatara alma santa do Frei das Dôres Baptista. E ellas, as moçoilas jovias, choravam e abraçaram-nos no acto da despedida. Uns felizes os vareiros.

*
—Quantas conta no seu, collega e amigo Arthur? perguntei triste, aborrecido.

—10 e meia, e eu sem ceiar.
—Adeus. Olhe lá—aonde vae?
—Não é da sua conta.
Passo de gigante, leño na bocca

para cautella ao pó, bengalla, chapéu ás quatro pancadas, dirigi-me á rua d'ella, onde ella mora, tão longe... tão longe...

Porém, ao chegar—o que é o amor!—via, approximei-me todo vergonhoso mas com anseio. Cahi um bilhete. A' luz d'um candieiro publico, proximo, pude lêr. Dizia: —«Sei que gosaste em S. Bento. Estimo. Não esqueças a tua Feiteira. Recommendações ás tuas patricias e ao teu confidencial.»

Bôa-noite, minha flôr.
Um quarto d'hora depois, o creado do hotel:

E' alli o seu quarto.
Bôa-noite.

*
E' tarde á ho a em que escrevo. Arthur Valerio vae longe. Eu fiquei.

Aonde?
Não é da conta de v. ex.ª.
Algures, — 11 — 7 — 93.
Jayme & C.ª

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 9 de julho

O chronista d'este jornal n'esta villa não tem podido desempenhar regularmente a sua missão.

De mau grado seu tem guardado o leito ha tres semanas e quasi que esteve em risco de ir embora apenas com vinte primaveras.

Imaginem, se podem, o susto que experimentou.

Rijo e fero e d'um momento para o outro, *catrapus*, uma viagem para a caminha e com a sciencia medica e pharmaceutica á cabeceira. Sempre a humanidade está sujeita a coisas!?

Safa, que não se dava de apostar em como com o susto cria pedras no figado e de bom calibre.

Oxalá que as suas dimensões não o sujeitem a vér-se ainda entregue a um corpo administrativo que se lembre de lhe expropriar a pedreira.

As aguas milagrosas do Vidago e d'outras estancias congeneres de que vae fazer uso lhe enfraqueçam o filão, porque do contrario está irremediavelmente perdido. Oxalá tenha alguma alminha boa a pedir por si.

—Na sexta-feira de madrugada foi esta villa sobresaltada com a noticia do assassinato d'um homem que ella por todos os motivos estimava.

José Gomes da Silva, proprietario abonado, levantara-se antes das 3 horas de madrugada, para sahir. Quando junto de sua casa, apparelhava o cavallo, recebe e « pleno peito, e quasi á queima roupa, um tiro.

José Gomes era obsequiador e se na mocidade não teve inimigos na velhice decerto que os não tinha.

Não se descobriu ainda o mobil do crime. A justiça procede e prasa a Deus seja feita luz sobre semelhante attentado.

—No sabbado, pelas 9 horas da noite, deram as torres signal de alarme chamando os socorros para a parte alta da villa, aonde, n'um predio, se havia manifestado um incendio. Pressurosa a villa inteira accorreu.

Os bravos rapazes que fazem parte do Corpo de Salvação Publica estabeleceram magistralmente o ataque superando assim a violencia do incendio que parecia, querer avassalar tudo.

Teve a villa mais uma occasião de admirar á coragem e a dedicacão d'aquelles sympathicos moços.

Digna de nota, torna-se tambem a dedicacão de todos quantos auxiliaram os bombeiros.

O predio pertence á ex.ª sr.ª D. Maria Henriqueta Vaz Osorio, mãe do ex.º sr. José Vaz Osorio

que foi presidente da camara d'este concelho.

Os estragos, felizmente, são de pequena monta. D'este logar felicitamos os bravos hombeiros que tão denodadamente cumprem a sua perigosissima missão.

S. Garrido.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados em extremo reconhecidos a todas as pessoas que os cumprimentaram e prestaram subidas finezas pela occasião do fallecimento, deposito e responsão de sua extremosa e innocente filha, irmã e sobrinha, Afrinha Lamy, vem por este meio protestar a todos o seu inolvidavel reconhecimento e sincera gratidão.

Anna Augusta Ferreira da Silva.

Delfim José de Sousa Lamy.

José Delfim de Sousa Lamy.

Antonio Carmindo de Sousa Lamy.

COPIOGRAPHO

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta.

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

LIVRARIA ACADEMICA

69—RUA AUREA—69

LISBOA

O proprietario d'esta livraria acaba de receber um variado sortimento de livros com as ultimas novidades litt rarias parisienses.

Livros d'estudo, sciencias, artes e letras. Magnificos livros de missa com ricas encadernações. Estojos para desenho. Assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, etc.

Encarrega-se de satisfazer, com a possivel brevidade, todas as encomendas que venham acompanhadas da respectiva importancia.

LIVRARIA ACADEMICA

DE F. Chagas

69—RUA AUREA—69

LISBOA

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCCÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita e a Esposa*, que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicacão está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja accção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empr za, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres, copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; filha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antece lente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e senlo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

NOVIDADE

Chegou a cerveja BOHEMIA e PRIMAVERA.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na

PRAÇA.

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeicoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.ª edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marcenaria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

A COMMERCIAL

Companhia de seguros contra fogo

Antonio de Souza Campos, com loja de fazendas nas Pontes, d'esta villa, toma seguros contra fogos aqui e no Furadouro.

Preços rasoaveis.

Recebeu grande sortimento de fazendas proprias da estação.

Os preços são baratissimos.

Vejam e verão.

NOTAS DE EXPEIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 PORTO

IMPRESA CIVILISAÇÃO Largo da Pocinha, 73-77 — Porto